



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

GABRIELA PUREZA CARVALHO
TAYANA DA CÂMARA GALVÃO

**MEMÓRIAS DE IDOSOS RIBEIRINHOS ACERCA DE SUA INFÂNCIA,
JOGOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DO ARQUIPÉLAGO DE
MARAJÓ NA DÉCADA DE 1950**

BREVES-PARÁ
2023

GABRIELA PUREZA CARVALHO
TAYANA DA CÂMARA GALVÃO

**MEMÓRIAS DE IDOSOS RIBEIRINHOS ACERCA DE SUA INFÂNCIA,
JOGOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DO ARQUIPÉLAGO DE
MARAJÓ NA DÉCADA DE 1950**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Educação e Ciências Humanas, do
Campus Universitário do Marajó – Breves, da
Universidade Federal do Pará, para obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Leonildo Nazareno do Amaral
Guedes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C331m Carvalho, Gabriela Pureza.
 Memórias de idosos ribeirinhos acerca de sua infância, jogos e
 brincadeiras no contexto do Arquipélago de Marajó na década de 1950 /
 Gabriela Pureza Carvalho, Tayana da Câmara Galvão. — 2023.
 30 f.

 Orientador(a): Prof. Dr. Leonildo Nazareno do Amaral Guedes
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Breves, Faculdade de
 Educação, Breves, 2023.

 1. Pessoa idosa. 2. Memórias. 3. Infância. 4. Jogos e
 brincadeiras. I. Título.

CDD 305.26098115

MEMÓRIAS DE IDOSOS RIBEIRINHOS ACERCA DE SUA INFÂNCIA, JOGOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DO ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ NA DÉCADA DE 1950

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas, Campus Universitário do Marajó – Breves, da Universidade Federal do Pará, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Leonildo Nazareno do Amaral Guedes

Apresentado em: 14 / 08 / 2023

Conceito:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Leonildo Nazareno do Amaral Guedes (Orientador)
CUMB-UFPA

Prof.^a Dr.^a Eliane Miranda Costa (Examinador – UFPA)
CUMB-UFPA

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Smith Santos (Examinadora – UFPA)
CUMB-UFPA

Às nossas famílias e amigos, por estarem sempre ao nosso lado, motivando e apoiando constantemente ao longo de nossa graduação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, pela saúde e força para superar os desafios.

Aos meus pais, minha mãe Cleide e meu pai Ataíde, por todo incentivo, apoio e amor incondicional.

Aos meus amados avós, tios e tias, pelos carinhos e orações que me ajudaram a concluir esse curso, e ao meu querido primo Eduardo, pela torcida e mãos estendidas sempre que precisasse.

Aos meus amigos da turma de pedagogia 2018, em especial a Clara, Williane, Gabriela, Pablo e Sara, que apesar de todas as confusões nos trabalhos, foram companheiros que se tornaram essenciais na minha formação e vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Leonildo Guedes, por todo apoio, confiança e dedicação para a elaboração deste trabalho, sempre nos colocando na direção correta.

A(o)s querido(a)s mestres da Faculdade de Educação e Ciências Humanas, por cada aula enriquecedora, dada com dedicação e excelência. Agradeço por compartilharem seus conhecimentos valiosos, que me permitirão crescer no âmbito pessoal e profissional.

A todos os senhores e senhoras e aceitaram participar de nossa pesquisa e compartilharam suas incríveis histórias de vida.

Enfim, meus eternos agradecimentos a todos e todas que contribuíram direta ou indiretamente para que eu pudesse concluir o curso de Pedagogia.

Tayana da Câmara Galvão

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, pelo dom da vida e da sabedoria para concluir o curso de pedagogia.

Aos meus pais, a minha amada mãe Juracema, amor da minha vida, mulher guerreira, exemplo de mãe dedicada, corajosa e batalhadora; e ao meu pai, Sérgio, pelo apoio e compreensão durante essa jornada.

Aos meus irmãos queridos, Darlem, Gabriel e Rogério, pelo apoio e pelas mãos estendidas sempre que precisei.

A memória do meu querido e amado avô Manoel, que através da sua partida me fez compreender a importância que os idosos tem em nossa sociedade.

Aos Meus amigos e amigas de toda a vida, em especial a minha amiga Maria Cristina, que em todos os momentos sempre esteve ao meu lado.

Aos meus amigos da turma de Pedagogia 2018 que foram família e fizeram parte dessa jornada, em especial as minhas amigas Clara, Sara, Tayana e Williane, mulheres maravilhosas e inteligentes.

Ao meu orientador, Leonildo Guedes, que despertou em mim o amor pela pedagogia através da disciplina corporeidade e educação, um dos melhores professores que já conheci em toda minha vida, um ser humano inspirador o qual tenho como exemplo profissional que almejo me tornar.

A (o)s querido (a)s mestres da Faculdade de Educação e Ciências Humanas, que compartilharam suas experiências no decorrer de minha formação, me permitindo crescer como pessoa e como profissional.

Enfim, meus sinceros agradecimentos a *todos e todas* que contribuíram direta ou indiretamente para que eu pudesse concluir o curso de Pedagogia.

Gabriela Pureza Carvalho

“Quando a idade levar minha assiduidade, Assim que eu perder a minha autonomia, Entrarei em meu quarto para ver meus farrapos e trazer à memória o que vivi de meus dias.”

(Andrei Odilon Freitas Cunha, 2023)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso objetivou conhecer os jogos e as brincadeiras infantis ribeirinhas vivenciados por 06 (seis) pessoas idosas ao longo dos anos 1950 no arquipélago de Marajó, analisando a dinâmica entre brincadeira e trabalho infantil ribeirinho a partir de suas narrativas e memórias. Esta pesquisa propôs responder ao seguinte questionamento principal: quais eram os jogos e brincadeiras que os idosos de hoje viveram em sua infância nos anos 1950 em comunidades ribeirinhas no Marajó? Para sua implementação, foi escolhida a abordagem qualitativa, consistindo em postulados teórico-metodológicos na História Oral. Para a obtenção de dados, foram realizadas entrevistas focalizadas, nas quais foram gravadas em áudio, as falas de seis idosos que viveram sua infância ou parte dela na década de 1950, no meio rural de Marajó. Os idosos foram selecionados através de visitas, contatos e conversas no município de Breves-PA. Os resultados da pesquisa apontam que na relação trabalho-brincadeira, havia prioridade para com o primeiro, pelo fato da labuta dominar o cotidiano das famílias. Contudo, nossos interlocutores aproveitavam as oportunidades para realizar diferentes atividades para diversão. Dentre as principais atividades lúdicas narradas, os(as) idosos(as) destacaram brincadeiras de roda, faz-de-conta, reproduzidas a partir do meio em que viveram, mais precisamente relacionadas ao trabalho de seus pais (pesca, comércio e outros), com a utilização de bonecas, barcos, sendo todos os brinquedos confeccionados por eles/elas mesmos/as.

Palavras-chave: Pessoa idosa; Memórias; Infância; Jogos e brincadeiras.

ABSTRACT

This capstone project aimed to explore the games and play activities experienced by six elderly individuals during the 1950s in the Marajó archipelago, analyzing the dynamics between play and child labor in these riverine communities based on their narratives and memories. The research sought to answer the following central question: what games and play activities did today's elderly population experience during their childhoods in the 1950s within Marajó's riverine communities? A qualitative approach was adopted, grounded in the theoretical-methodological principles of Oral History. Data collection involved focused interviews—audio-recorded—with six elderly individuals who spent their childhoods (or parts thereof) in the rural areas of Marajó during the 1950s. Participants were selected through visits, contacts, and conversations in the municipality of Breves, Pará. The results indicate that, regarding the relationship between work and play, priority was given to the former, as daily life for these families was dominated by labor. Nevertheless, the participants seized opportunities to engage in various recreational activities. Among the main playful activities described, the participants highlighted circle games and make-believe play—activities that mirrored their environment and, specifically, their parents' work (such as fishing and trading)—using dolls and toy boats that they had crafted themselves.

Keywords: Elderly individuals; Memories; Childhood; Games and play.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A SOCIEDADE, A VELHICE E SUAS MEMÓRIAS.....	13
3	SER VELHO NO ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ: AS PESSOAS IDOSAS VIVENCIARAM DIFICULDADES, MAS TAMBÉM ALEGRIAS, DIVERSÃO E SOCIABILIDADES.....	15
4	MEMÓRIAS DE IDOSOS RIBEIRINHOS ACERCA DE SUA INFÂNCIA, JOGOS, BRINCADEIRAS E SOCIABILIDADES.....	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Buscamos conhecer e reconstituir o cotidiano de pessoas que foram crianças ribeirinhas na década de 1950 no arquipélago de Marajó, por meio de narrativas e memórias dos selecionados atualmente idosos, com foco nos jogos e brincadeiras, e dessa forma almejamos contribuir para a preservação e valorização dessas histórias individuais e talvez coletivas, na missão de consolidação de nossa identidade cultural.

Nesta perspectiva o interesse para escolher o tema desta pesquisa surgiu em conversas com nossos familiares e conhecidos, os quais relatavam que na vivência de suas infâncias o trabalho reinava sobre a brincadeira, consequentemente, trabalhavam para sobreviver e ajudar suas famílias. Apesar do quadro sociocultural no qual o trabalho predominava, os escolhidos para este estudo narravam algumas brincadeiras vividas ou brinquedos que criavam no pouco tempo que tinham para viverem de fato sua puerícia, o que despertou a curiosidade, a fim de que pudéssemos conhecê-los, visto que como pesquisadoras desta obra pouco sabíamos sobre esse aspecto de nossa cultura.

Atualmente no âmbito educacional destaca-se a importância de jogos e brincadeiras para o desenvolvimento humano, relacionando-se a instituições públicas, igrejas e projetos sociais, além de ser debatido por diversos autores como, Huizinga (2000), Kishimoto (2017), Brougeré (1997), Vygotsky (1991) dentre outros.

Sabemos em relação à vivência da infância em comunidades tradicionais, para os ribeirinhos da Amazônia havia a necessidade desde a infância trabalhar para ajudar no sustento da casa. Apesar disto, muitas crianças conseguiam utilizar-se desses momentos para se divertir. Tais brincadeiras se fazem em um processo de enraizamento cultural essencialmente atrelado ao trabalho cotidiano, aos modos de vida, à relação não predatória com o ambiente.

Há poucas pesquisas sobre a cultura lúdica nos anos de 1900 no Brasil, menos ainda quando relaciona-se às comunidades ribeirinhas, fazendo-nos questionar se esta é (re)conhecida, tornando-se necessária ainda mais a realização do resgate de histórias de pessoas que talvez tenham sido pouco ou jamais ouvidas.

Na concretização desta pesquisa foi encontrado alguns autores que também buscaram contribuir para a preservação dessas memórias sobre infância e trabalho (CARNEIRO, 2015; MARCILIO, 2015; CHARTIER, 2017; NEUSTADT, 2014; ARAÚJO, 2001), sendo que algumas de suas teses e dissertações trazem inovação ao apresentar diferentes problematizações, mas todas com foco no resgate de memórias de pessoas idosas.

O ato da leitura de trabalhos recentes relacionados ao tema escolhido instigou a formulação de questões que nortearam este estudo resultando nos questionamentos a seguir: quais eram os jogos e brincadeiras de idosos que viveram sua infância nos anos de 1950 em comunidades ribeirinhas no Marajó? Como esses idosos, quando crianças, dividiam seu tempo de infância com trabalhos e ocupações para ajudar a família em casa?

Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo conhecer os jogos e as brincadeiras infantis ribeirinhas vivenciados por pessoas idosas que foram crianças ao longo dos anos de 1950 na região marajoara, analisando a dinâmica entre brincadeira e trabalho infantil ribeirinho a partir das narrativas e memórias presentes no processo de elaboração desta pesquisa.

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, uma vertente que tem seu início na Antropologia e Sociologia, mas com o passar dos anos foi adotada por outras áreas, constando entre elas a educação. Diferente da pesquisa quantitativa, que investiga a realidade mediante a métodos estatísticos, a qualitativa é mais interativa e não prioriza apenas números e dados, e sim o ponto de vista dos sujeitos, textos, áudios, análises de documentos, observações e interação entre os(as) participantes da pesquisa para entender um fenômeno em profundidade.

Segundo Alda Judith Alves (1991, p. 57):

A vertente qualitativa trabalha preferencialmente no “contexto da descoberta”, embora como vimos, não se exclua a possibilidade de incursão no “contexto de verificação”, na medida em que estudos podem ser planejados para investigar se relações observadas em outros contextos ou através de outras metodologias se confirmam.

Para a realização da pesquisa, foi utilizado como metodologia de pesquisa a história oral, uma vez que trabalhamos com narrativas e memórias de indivíduos que geralmente são excluídos da história oficial. A história oral corresponde em ouvir e gravar fontes orais para registrá-las e compreender o passado por diferentes perspectivas. Essa metodologia teve maior notoriedade em 1950 após a invenção do gravador portátil. No Brasil, a história oral começou a desenvolver-se no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).

Uma das grandes autoridades científicas da história oral é a pessoa de Alessandro Portelli (2016, p.18), historiador italiano, professor de literatura anglo-americano na Universidade de Roma “La Sapienza”, o qual afirma que:

A história oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado.

Para a obtenção dos dados desta pesquisa foram realizadas entrevistas focalizadas, com 06 (seis) idosos que viveram sua infância, ou parte dela, no meio rural do arquipélago de Marajó na década de 1950. Uma vez com o público selecionado, todos atualmente residentes no município de Breves-PA, então obtivemos a permissão das seis pessoas para que pudesse ser realizada as visitas em suas respectivas casas, assim, ocorreu as entrevistas gravadas com aparelho celular, através do aplicativo gravador de voz, com as devidas autorizações e assinaturas concedidas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Podendo dessa forma haver a coleta das informações que foram todas transcritas e organizadas para análise.

Este artigo está estruturado primeiramente em um tópico que aborda a relação de envelhecer e a sociedade capitalista, seguido de uma contextualização do “ser velho” na realidade marajoara, finalizando com a apresentação e discussão acerca dos jogos e brincadeiras vivenciados pelos idosos marajoaras.

2 A SOCIEDADE, A VELHICE E SUAS MEMÓRIAS

De acordo com a Lei Nº 10.741, a pessoa é considerada idosa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Esta lei, nomeada do Estatuto da Pessoa Idosa e publicada no dia 1º de outubro de 2003, tem como principal objetivo garantir ao idoso “a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 2004, p.1), como obrigação da família, sociedade e poder público.

Ferreira (2014) e Teixeira (2014) discutem sobre o direito da pessoa idosa e seus desafios para a efetivação na sociedade. Salientam que, “[...] ainda são observadas deficiências e entraves quanto à efetivação de tais direitos, que ainda não conseguiram refletir por completo uma melhoria nas condições de vida dos idosos [...]” (p. 172), ou seja, apesar de o Estatuto ser um grande avanço para a população idosa, com diversos artigos que asseguram seus direitos fundamentais, isso não o torna suficiente quando no desenvolvimento de políticas públicas não há a fiscalização de sua execução.

Ainda que essa legislação tenha sido uma grande conquista para a terceira idade, Bosi (1994) em seu livro “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, afirma que o Estatuto do Idoso se faz muito atual e urgente de implementação, visto que se apresenta algumas problemáticas que envolvem o envelhecer numa sociedade capitalista. “Nessa sociedade, a pessoa idosa só tem sua valorização se possuir acumulação de bens, pois “suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa” (BOSI, 1994, p.77).

[...] “mas ainda assim tendo que aceitar o papel de passivo, privado da liberdade de escolha e tornando-se cada vez mais dependente, tudo para o seu “próprio bem” (BOSI, 1994, p. 78).

Bosi (1994) afirma que nessa sociedade a pessoa perde sua relevância na medida em que vai envelhecendo, principalmente por não haver a possibilidade de produzir mão-de-obra. Devido as doenças que nos acompanham conforme envelhecemos, necessitamos de aparelhos que auxiliem a comunicação, e quem não pode comprar fica privado de algumas relações, resultando em mais desvalorização por não poder transmitir o que aprendeu durante toda sua vida, ou quando não, não lhes dão a oportunidade de manifestar-se através da comunicação. “a mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele” (BOSI, 1994, p. 81)

Mesmo com a depreciação da terceira idade que a sociedade capitalista acaba gerando, essas pessoas negligenciadas armazenam conhecimentos, experiências e sabedorias que se encontram em suas lembranças, importantes não somente para a construção da sociedade atual, assim como para a próxima geração, correspondendo ao seu papel social que muitas vezes lhe é negado.

O que pode ser observado na sociedade é que esta, muitas vezes, impede que as lembranças floresçam e rejeitam os seus conselhos, impedindo, assim, que a pessoa idosa se expresse, seja ouvida e respeitada em seus ambientes relacionais. Com isso, ela se retrai de seu lugar social e isso gera uma perda de conhecimento sobre fatos e experiências vivenciados, resultando no empobrecimento cultural da sociedade (VALENÇA; REIS, 2015, p. 270).

Bosi (1994, p. 60) afirma que através das memórias de pessoas idosas, “é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem-marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis”, que só podem ser encontradas nelas, pois já estão libertos de tantas obrigações e lutas com o presente.

Sendo este o papel social da pessoa idosa, o de narrar suas experiências e memórias para o enriquecimento cultural, o mesmo ato acaba se tornando benéfico para a saúde mental da pessoa que acaba percebendo sua importância e necessidade para o desenvolvimento da sociedade, ressaltado por (BOSI, 1994, p. 82) “O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância”.

Na antiguidade os conhecimentos eram repassados através da fala por pessoas mais velhas para as mais novas, resultando assim na valorização de pessoas com mais experiências. Tal valorização foi diminuindo e perdendo credibilidade conforme foram avançando as tecnologias, visto a praticidade na busca pelas informações obtidas no âmbito virtual, implicando no desprestígio do conhecimento empírico e no enaltecimento do conhecimento científico. “A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta. A Guerra, a Burocracia, a Tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão: ele se espanta com sua magia negra, mas cala-se porque lhe é difícil explicar um Todo irracional” (BOSI, 1994, p. 84).

Por meio deste trabalho tornou-se notável que o conhecimento sociocultural do mundo passado não se encontra somente em livros didáticos com a “história oficial” as informações também igualmente podem ser repassadas dentro de nossas casas e vizinhanças, guardadas nas memórias de nossos idosos. Estes são diferentes e tem uma grande riqueza de conhecimentos. Basta-nos dar-lhes a oportunidade de contar e nos ensinar a partir de suas experiências de vida.

3 SER VELHO NO ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ: AS PESSOAS IDOSAS VIVENCIARAM DIFICULDADES, MAS TAMBÉM ALEGRIAS, DIVERSÃO E SOCIABILIDADES

Localizado no Estado do Pará, o Arquipélago do Marajó possui uma área territorial de 106.661,98 km², considerada a maior ilha fluviomarítima do mundo. Na região marajoara se situam dezessete municípios, listados alfabeticamente a começar por: Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Curralinho, Gurupá, Melgaço, Muaná, Oeiras do Pará, Ponta de Pedras, Portel, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista e Soure, com a população estimada total de 610.972 habitantes (FAPESPA, 2022).

O Marajó foi “habitado há milênios pelos índios [indígenas] e a partir do século XVI pelos brancos e pelos negros, essas três etnias contribuíram para configurar o tipo humano

característico da ilha, o marajoara, com sua cultura e seu modo de vida peculiar” (SANCHES, 2019, p. 16). Conhecida nacional e internacionalmente pela cerâmica marajoara e criação de búfalos, a ilha do Marajó também se destaca pelas florestas, e por ser banhada pelo Oceano Atlântico e pelo rio Amazonas, o que torna o turismo uma das principais atividades econômicas de alguns municípios. Além do turismo, o extrativismo vegetal, pesca, pecuária, agricultura familiar e o comércio, destacam-se como predominantes atividades econômicas do arquipélago.

Essas atividades econômicas já se fazem presentes por longos anos nos municípios marajoaras, com efeito, a pesca, o extrativismo, a pecuária e a agricultura familiar se apresentam predominantes como forma de renda familiar nas comunidades ribeirinhas. Enfatizamos aqui a extração do látex, que apesar do primeiro ciclo da borracha ter sua decadência a partir de 1912, o segundo ciclo em 1945 continuou possibilitando rendimentos para algumas famílias.

Após o declínio econômico do ciclo da borracha, efetivou-se a extração da madeira como a maior forma de geração de renda durante a metade do século XX e início do século XXI. Com diversas empresas madeireiras que se instalaram na região e geraram empregos, muitos ribeirinhos deixaram a zona rural com o intuito de migrarem para a cidade, principalmente para o município de Breves (SANCHES, 2019, p. 58).

A economia da região, na década de 50, dependia da exploração de vários produtos naturais, como a coleta da borracha, da castanha, do timbó, da madeira, da pesca. A dependência das atividades extrativistas determinou o padrão demográfico da região, de forma que a maioria da população estava distribuída por pequenos povoados ou “freguesias” geralmente nas confluências dos rios e igarapés. Raramente contavam com mais de 200 habitantes, que se dispersavam durante a safra de borracha (BRASIL, 1993, p. 328).

Na década de 1950, as instituições escolares eram escassas para a população ribeirinha, possuindo séries do Ensino Fundamental limitadas, além da infraestrutura inadequada para o processo de ensino-aprendizagem, a distância e falta do meio de transporte dificultavam o acesso das crianças ribeirinhas, resultando numa elevada taxa de analfabetismo, como consequência restava para as crianças e os jovens juntarem-se ao trabalho familiar.

Na época tais pessoas que nasceram na década de 1950 no Marajó, atualmente já idosas, evidenciam através de suas aparências e narrativas o resultado de uma vida baseada em sacrifícios para a própria sobrevivência, “[...] e seus corpos retratam isso hoje, por meio das peles afetadas pelo sol, das rugas bem acentuadas e das mãos calejadas, corpos

encurvados pelos trabalhos muitas vezes pesados que exerciam” (SMITH SANTOS, 2019, p. 210). Ademais, as dificuldades para o acesso escolar contribuíram para a priorização do trabalho familiar, responsável pela considerável taxa de analfabetismo que favorece para o desconhecimento de seus direitos garantidos por lei.

Os idosos marajoaras são oriundos de diversas localidades, em sua maior parte da zona rural, tal migração ocorre principalmente pela busca de trabalho, educação ou fuga de violência doméstica (SMITH SANTOS, 2019). Portanto, o “ser velho no Marajó” é uma categoria construída por intermédio de uma vida com grandes dificuldades. Contudo, não podemos resumi-los apenas a acontecimentos negativos. Em vista disso, neste trabalho buscamos conhecer através de suas memórias e narrativas os prazeres de suas vivências.

Na fase adulta, principalmente para a pessoa idosa, é dada pouca atenção pelas políticas públicas para jogos e brincadeiras como forma de lazer. Smith Santos (2019), em sua tese de doutorado evidencia que a forma predominante de diversão coletiva dos idosos de Breves, Marajó, são as programações dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) de cada bairro, onde são desenvolvidos principalmente bailes, e de acordo com a direção local são elaboradas outras atividades.

Com efeito, entre os anos de 2017 a 2019, a predominante maneira dos idosos se divertirem era através dos bailes realizados pelo CRAS. Contudo, a ocorrência dessa única forma de divertimento comprova a ausência de outras formas de lazer no município. Nestes bailes também era realizado alguns jogos como o dominó e o baralho, e dependendo da gestão, eram elaborados passeios para fora da unidade (SMITH SANTOS, 2019).

Em vista disso, a autora observou que:

[...]as prioridades maiores empregadas por todas essas unidades de assistência social citadas neste estudo, acabam sendo as atividades de lazer. Nisto posto, suas visões sobre o envelhecimento estão embasadas em uma concepção do idoso como pessoa que deve evitar a ociosidade, muitos Programas seguem determinados direcionamentos nas atividades desenvolvidas nos CRAS, principalmente o baile, como uma tentativa de torná-los pessoas ativas no âmbito cognitivo e motor (SMITH SANTOS, 2019, p. 243).

Apesar de pouca variedade para momentos de lazer no CRAS, é por meio dessas ocasiões que as pessoas idosas no Marajó vivenciam a alegria, diversão e sociabilidade que muitas vezes lhes foram negadas durante a vida. Porém, tais atividades foram paralisadas no início de 2020 devido a pandemia do Covid-19, retomadas gradualmente na metade do ano de 2022, ou seja, durante dois anos os idosos ficaram sem momentos de diversão coletiva como decorrência da emergência sanitária vivida pela humanidade, quando mais de setecentas mil

vidas foram ceifadas apenas no Brasil.

4 MEMÓRIAS DE IDOSOS RIBEIRINHOS ACERCA DE SUA INFÂNCIA, JOGOS, BRINCADEIRAS E SOCIABILIDADES

O dicionário apresenta as palavras jogo, brincadeira e brinquedo como sinônimos, definindo-as como uma atividade cuja finalidade é a diversão, podendo estar submetida a regras que determinarão quem vence e quem perde. Jogo e brincadeira, com suas definições, seus diferentes tipos, sua finalidade em diferentes contextos e seus benefícios na infância, são debatidos por variados autores em diferentes áreas, como a psicologia, a história e a antropologia. Dentre esses autores, trabalhamos com Kishimoto (2017, 2011), Huizinga (2000), Brougère (1997) e Vygotsky (1991).

Kishimoto (2017) afirma que definir “jogo” não é uma tarefa fácil, visto que diferentes situações podem possuir esta denominação. Uma partida de futebol, pular amarelinha, quebra-cabeça, o faz de conta e soltar pipa são todas intituladas de jogos, apesar de possuírem características totalmente diferentes, talvez possuindo em comum o mesmo efeito para o indivíduo participante, o divertimento. No fim, a definição do jogo ou brincadeira será compreendido e aplicado dependendo do contexto e da cultura de cada pessoa.

Apesar das seguintes palavras jogo, brincadeira e brinquedo serem tratadas como sinônimos no Brasil, Kishimoto (2011) entende o jogo e a brincadeira como formas de descrição de uma ação lúdica que estará sujeita a regras para a definição de seus objetivos, e o brinquedo surge como seu suporte que será usado de diferentes formas e finalidades. “Os brinquedos podem ser utilizados de diferentes maneiras pela própria criança, mas jogos como o xadrez (tabuleiros, peças) trazem regras estruturadas externa que definem a situação lúdica” (p. 7).

Huizinga (2000) descreve o “jogo” como uma atividade ou uma ocupação voluntária que segue regras consentidas por todos os participantes, sendo obrigatória e acompanhada de sentimentos de tensão e alegria, totalmente desvinculada da “vida quotidiana” de quem joga, “trata-se de uma evasão da vida real para uma esfera temporária de atividade com orientação própria” (p.10). Este ainda enumera algumas hipóteses de que o jogo se constitui como uma preparação do jovem para a vida em sociedade, uma descarga de energia vital acumulada, um exercício de autocontrole indispensável ao indivíduo, ou simplesmente uma necessidade biológica do ser humano de dominar e competir. “Há um elemento comum a todas estas hipóteses: todas elas partem do pressuposto de que o jogo se acha ligado a alguma coisa que

não seja o próprio jogo, que nele deve haver alguma espécie de finalidade biológica” (HUIZINGA, 2000, p. 4). Contudo, apesar das várias hipóteses e teorias, o autor afirma que o jogo não pode ser explicado por análises biológicas, se não as ações presentes no jogo seriam puramente mecânicas. “Mas não, ela nos deu a tensão, a alegria e o divertimento do jogo” (ibidem, p. 6).

Brougère (1997, p. 98) rejeita a ideia de que a brincadeira é inata às crianças, enfatizando a importância dos pais e responsáveis para a sua inserção progressiva na brincadeira, sem isso a criança não aprende a brincar. Através deste processo de iniciação nos jogos e brincadeiras, a criança aprende a “compreender, dominar, e depois produzir uma situação específica, distinta de outras situações”.

Dada as diferentes definições e finalidades de jogos e brincadeiras por variados autores, também se destaca os benefícios principalmente para a área do desenvolvimento intelectual. Vygotsky (1991) afirma sobre a influência que o brinquedo desempenha na vida da criança, auxiliando na sua esfera cognitiva, através de suas ações em situações imaginárias e dos significados que é dado a cada brinquedo. Desta forma, ao brincar a criança se utiliza do imaginário para compreender o real, por exemplo, ao brincar de boneca ela assume o papel de mãe e assim ela demonstra o seu entendimento sobre o que é ser mãe.

Todos os autores citados nesta tese abordam os conceitos e os benefícios dos jogos e brincadeiras voltadas para a criança. No entanto, não é restringível esses benefícios a apenas tal faixa etária. Com o avanço da idade, é responsabilizado a pessoa inúmeras obrigações na vida, e com tantas responsabilidades acaba-se no esquecimento a importância do entretenimento por meio de jogos, no qual muitas vezes não é bem-visto quando as brincadeiras são praticadas entre adultos por ser considerado como algo infantilizado, especialmente em uma sociedade que valoriza apenas o trabalho dada suas possibilidades e oportunidades de exploração. E tendo a pessoa idosa como foco dessa presente pesquisa, não podemos deixar de salientar a relevância que os jogos e dinâmicas de grupos possuem para a melhora de qualidade vida, nos aspectos físico, psíquico, emocional e relacional.

Para os idosos, jogar e brincar trazem o gosto e o gozo da infância; a lembrança dos companheiros e amigos, a espontaneidade e a alegria de que desfrutaram há 50, 60 anos. Por outro lado, para os profissionais e voluntários que trabalham com grupos de idosos, essas atividades podem facilitar o direcionamento dos encontros, a sensibilização e a reflexão sobre determinados temas, além de auxiliar a regulação corporal, aumentando ou diminuindo o nível de ativação física de seus integrantes (CARVALHO, 2014, p. 15).

Apesar desses benefícios inegáveis do lúdico, este estudo teve como objetivo conhecer as histórias e reconstituir pela memória dos idosos selecionados as brincadeiras e jogos vivenciados na década de 1950, bem como o lazer em geral e questões relacionadas a sociabilidades.

Para a seleção dos interlocutores com os quais trabalhamos nesta pesquisa, buscamos diversificar as localidades onde cresceram para não focar apenas em uma parte do Marajó. Dentre os seis entrevistados, foi priorizado pela proporcionalidade dos interlocutores, dentre homens e mulheres, para que, além de analisar se as brincadeiras na época eram iguais em localidades diferentes, também seja realizável compreender mesmo que superficialmente, por não ser o foco da pesquisa, se a questão de gênero influenciou nos tipos de brincadeiras e nas relações de tempo trabalho.

As pessoas idosas escolhidas foram visitadas e contatadas através da indicação de pessoas de nosso círculo de sociabilidades, desde que satisfizessem os critérios temporais de nossa pesquisa. O acolhimento nas residências dos entrevistados foi essencial e de bom grado para que tudo ocorresse favorável a este estudo, logo após a acolhida foi apresentado o documento Termo de Consentimento Livre Esclarecido, que expõe o tema e os objetivos do trabalho, elucida a participação voluntária do integrante na pesquisa junto à confidencialidade da sua identidade, e ainda respalda a utilização dos dados coletados para avaliações e publicações científicas. Com suas permissões, iniciamos a entrevista gravada.

Para preservar a identidade dos interlocutores, optamos por nomes fictícios. Desta forma, os entrevistados foram: Sr. Pedro, nascido em 1952 no Rio Panaúba, localizado próximo ao município de Bagre; Sr^a Rosa, nascida em 1956 no Rio Jacundá, o mesmo corta o município de Bagre; Sr. Francisco, nascido em 1945 no Rio Açu, localizado no município de Currallinho; Sr^a Antônia, nascida em 1951 no Rio Jaburu, localizado no município de Breves; Sr. José, nascido em 1950 no Rio Macacos, o mesmo banha a cidade de Breves e o povoado de Corcovado; Sr^a Fátima, nascida em 1952 no Rio Jupatituba, nos limites entre os distritos Sede (Breves) e Antônio Lemos.

Nosso roteiro de entrevista aborda três temáticas, as quais na primeira busca-se entender a infância ligada à relação familiar, na segunda fala-se sobre brincadeiras da infância e finaliza-se dialogando sobre a vida atual dos participantes. As temáticas que atravessam esses questionamentos foram sociabilidades, trabalho e lazer/ brincadeiras.

Procuramos através das perguntas, demonstrar a valorização que temos por suas histórias de vida, desde suas famílias, seus trabalhos, suas diversões e suas religiosidades. Tais perguntas não foram feitas em ordem hierárquica, visto que ao responder uma delas,

todos os interlocutores acabavam por contemplar outros pontos da entrevista. Com efeito, uma memória afetiva desencadeia várias outras lembranças de forma emocional, relacional, criativa e poderosa.

Para compreender a relação familiar de cada um, foi iniciamos com perguntas sobre a família, cuja, na maioria das vezes é formada pelos pais e irmãos, juntamente com o trabalho realizado para o sustento da família. Dos 06 (seis) entrevistados, 01 (uma) respondeu que vivia com sua madrinha, pois seus pais haviam morrido; 01 (um) relatou que viveu com seus pais até os 10 anos mais ou menos; e os outros 04 (quatro) viveram a sua infância com seus pais, embora a Sr^a Antônia tenha relatado que sua mãe morreu quando tinha 11 (onze) anos, passando a morar apenas com seu pai e seus 06 (seis) irmãos, e aos 12 (doze) anos se mudou, pois iria trabalhar para sua prima em outro estado, no qual narrou ter sofrido inúmeras violências físicas e psicológicas da mesma.

A segunda pergunta da entrevista foi sobre a vida naquele momento (infância) se as condições de subsistência eram adequadas ou difíceis. 01 (um) entrevistado relatou ter sido difícil após ir morar com sua madrinha. Outros 05 (cinco) contaram que, apesar de terem começado a trabalhar ainda na infância, tiveram uma vida boa que lhes traz muitas saudades ao recordarem.

Minha filha, naquele tempo, enquanto a gente tinha o que comer, pra gente era tudo bom. Que a gente não sabia dessa vida que tem hoje, né? Todo mundo tem uma vida, mas na nossa vida, a nossa infância foi uma infância muito sofrida, sabe? Pra gente não tinha outra vida. Pra nós aquela era a vida, e era boa (Sr^a Antônia, 2023).

Esta fala da Sr^a Antônia sintetiza a percepção que todos os entrevistados possuem acerca de sua situação naquela época. Hoje eles possuem consciência de todos os problemas e dificuldades que enfrentaram, mas naquele momento não havia este discernimento, visto que era tudo o que conheciam, que ter apenas o necessário para sua sobrevivência era o suficiente.

Em relação ao trabalho de seus responsáveis, 02 (dois) trabalhavam com comércio; 01 (um) em roça, extração de borracha e caça; 01 (um) apenas roça; 01 (um) em roça e extração de madeira; e 01 (um) em roça e extração de borracha. Desta forma, todos os entrevistados responderam que ajudavam nesses trabalhos, principalmente o da roça, a partir do momento em que já conseguiam desenvolver alguma atividade dentro desses ofícios. Dentre todos, quem começou mais cedo foi o Sr. Francisco, que alegou ter começado a trabalhar com cinco anos de idade, outros começaram a ajudar seus pais entre a faixa de 07 (sete) a 10 (dez) anos.

Quando questionados de como era esse trabalho, nem todos chegaram a falar com clareza, mas a Sr. Fátima explicou com incríveis detalhes como era a extração do leite da seringueira para fabricação da borracha, trabalho este que o seu pai realizava. Aos

entrevistados que trabalhavam na roça, todos ajudavam na plantação, na colheita e na produção de farinha, tais serviços eram e ainda são a principal forma de renda para famílias ribeirinhas. Já o Sr. José, por seus pais possuírem um comércio, ajudava na venda dos produtos e na criação de diversos animais que a família possuía para consumo próprio.

Tais trabalhos em roça eram em sua maioria para autoconsumo e em poucos casos eram vendidos. Não havia a necessidade de vender para conseguir dinheiro, visto que, tudo que era fundamental para sua sobrevivência se encontrava na natureza.

Todos os interlocutores iniciaram a vida no trabalho no período da infância, o que acabou por deixar de lado todo o processo que uma criança precisa para seu desenvolvimento físico, cognitivo e psicológico, além do perigo em manusear ferramentas inapropriadas para sua faixa etária. Tal iniciação precoce no mundo do trabalho também se deve a ausência de instituições escolares no meio rural naquela época, apenas a Sr^a Antônia teve contato com a escola na sua infância, isso apenas por 02 (dois) meses, com relação a isso, o Sr. Francisco contou que, “[...] eu tenho vergonha assim de dizer que não sei ler nem escrever; por quê? Porque naquele tempo nós morava no interior, e até mesmo na cidade era muito difícil, sabe; e no interior isso não existia”. Também temos a fala do Sr. José quando questionado se havia estudado:

Acho que a primeira serie só. A gente trabalhava e estudava lá com o pai, com o irmão. Era assim, porque não tinha escola, porque a partir dos treze anos eu já comecei a trabalhar pra me manter. Não tinha como comer. Meu pai tava em Belém. Não tinha condição. O meu irmão também tinha dado fim de tudo, as coisas lá que era nossa. Ficou só as terra. A gente ia viver de terra pra que? Aí foi que tinha que ajudar minha mãe também, porque minha mãe não tinha de onde tirar. Naquele tempo não existia aposentadoria quase, e aí foi que eu encarei o trabalho. Trabalhava no pesado mesmo, mas eu era muito responsável. E a disposição também, graças a Deus, Deus me deu demais; não faltava. Era dia e noite, eu trabalhava. Aí foi amadurecendo, aí quando eu tava com dezenove anos, eu era um cara pronto pra trabalhar em qualquer coisa. Muita coisa você não aprende só estudando, você aprende trabalhando. Você sabe que, a gente trabalhando, se sabe uma coisa melhor que a pessoa que se formou.

Nessas falas é notório que devido à necessidade pessoal de cada um, principalmente relacionado à subsistência, o trabalho se tornava algo indispensável, mas como mencionado pelo próprio entrevistado, eles podem não ter conhecimentos escolares, mas através de suas experiências de vida obtiveram inúmeros conhecimentos valiosos. Portanto, não cabe a nós julgar tais circunstâncias, não quando elas eram impostas pela ausência do governo e partindo das condições naturais disponíveis para a comunidade ribeirinha, qualquer outro meio de vivência não chegava aos seus conhecimentos.

E quando havia escolas em determinadas áreas, a longa distância, a falta de séries e turmas fazia com que sua procura por pais e responsáveis fosse inviável. “Por que estudar quando a escola não possibilita uma resposta imediata e nem futura para sua situação?”, questionavam-se esses responsáveis, especialmente em um contexto de distância gigantesca entre escola e realidade sociocultural.

Nenhum dos interlocutores participantes da pesquisa estudou, todos relataram que devido aos obstáculos, como distância e transporte, se tornava um empecilho para frequentar a educação formal. Na adolescência, devido já estarem formando família, não priorizaram os estudos, porém, revelaram que se pudessem voltar à infância, optariam por estudar, pois contaram as dificuldades que enfrentaram durante a vida, principalmente por não saber ler. Quando questionados sobre voltar a estudar nesse momento atual da vida, salientaram que não imaginam mais essa possibilidade, tanto pela idade que consideram avançada, quanto pelos problemas de saúde que alguns enfrentavam.

Ainda sobre a relação familiar, questionamos quais trabalhos vieram exercer na fase adulta, os homens a princípio seguiram os ofícios de seus pais, após se casarem e mudarem de residência é que buscavam outros meios para o sustento da família, em sua maioria em empresas madeireiras, nas quais estavam começando no auge da época de 1970. As mulheres, a opção na fase adulta, antes de se casarem, era trabalhar de doméstica em casa de família, e após se casarem dedicavam-se ao lar, cuidando do marido e filhos. Porém, a Sr^a Antônia alegou ter continuado a trabalhar na roça por até dez anos.

Tendo conhecido o cenário social de nossos interlocutores e interlocutoras, iniciamos as perguntas referentes às suas brincadeiras na infância e contaram com detalhes e entusiasmo sobre os momentos de diversões que possuíam. A seguir apresentaremos as principais brincadeiras que foram narradas.

Para cada um perguntamos quais eram as brincadeiras que se lembravam de sua época, se brincava muito e como elas eram e como resposta imediata diziam que quase não brincavam, pois não havia muito tempo, mas com um pouco de insistência e sugestões de algumas brincadeiras que talvez conhecessem, algumas lembranças foram despertadas.

A Sr^a Antônia foi narrando algumas brincadeiras que se lembrava, dentre elas, citou brincadeiras de roda, brincadeira de “cair no poço”, passa o anel e bole-bole, algumas ela não soube explicar as regras de realização, mas uma que se destacou entre as demais foi a de brincar de comerciante.

E outra coisa brincava assim de comércio, brincava de ser comerciante. O meu irmão tinha o comércio e nós era os freguês. Aí nós tinha muito aquele ingázinho cururu, um ingázinho docinho assim. Aí a gente pegava tala, né, e metia a perna nos ingá, fazia o rabinho, era o porco. Aí nós vendia porco pra ele; aí nós comprava mercadoria. Era um bocado de besteira de talinho de folha; era folha que era como que fosse peixe; aí nós comprava peixe dele [...] Aquilo tudo nós juntava e metia as pernas de tala, né, e ele (irmão) era ele o nosso patrão; nós era o freguês dele. Aí nós não tinha banco [assento] né, tinha só um uns cepo daqui, uns cepo daqui, aí uma tábua grande e grossa assim em cima, era o banco. Aí era o comércio dele e nós chegava lá.

Semelhante à brincadeira da Sr.^a Antônia, temos a do Sr. José:

[...] quando amanhecia o dia, tinha esse meu irmão, tudo criança, né. Beira de rio tu já viu como é. É uma casa, uma porta e duas janelas, aí a rampa, aí amanhecia o dia, a gente olhando aquele riozão bonito lá, fluente, mururés passando no rio; aí a gente ficava de coca no porto, olhando. De repente, enxergava um maracujá passando na frente do trapiche, a gente corria, metia o paneiro e pegava. E assim pra brincar, a gente inventava. No interior tem um miriti, né, que na época do sírio eles fazem esse negócio; lá a gente construía tudo no miriti; a gente tirava, ia no mato, cortava, destalava, fincava aquilo, botava pra secar; aquilo a gente construía aquelas embarcaçõzinha [...] E de repente fazia aqueles comando, coisa e tal, com comandante; botava na água; ficava aquela barca que a gente enchia de mercadoria, enchia de buçu, aqueles negócio que a gente chama de “vaca”, era a mercadoria que era. Aí a gente ia brincar. O trapiche é grande, né, lá adiante tava o outro meu irmão; ele era o comprador; quando não era ele, era eu; assim era as minhas irmãs. A gente brincava tudo junto. Aí parava lá no porto; aí dobrava lá no porto encostava; ei! patrão, coisa e tal. Aí, bora negociar. Assim que a gente brincava. Quando era no tempo de melancia, a gente partia no meio a melancia assim; a gente não tinha frescura, era muita melancia, partia no meio a melancia e comia tudinho uma banda e deixava só aquela casca; botava um negócio de um cabo na frente assim, amarrava um fio, botava um negócio de um vidro com água atrás que era o leme e arrodia, fazia aquela maresia bonita. [...] Ai meu Deus do céu! Era muito legal, a gente brincava! Quando não, a gente ia pro quintal, fazia casinha. A gente ia pescar, puxava um peixe; ‘vamos cozinhar lá na nossa casinha?’. A gente tratava o peixe, naquele tempo colocava na panela de barro.

Nessas duas brincadeiras relatadas, torna-se evidente a ideia de Vygotsky (1991), no que se refere na utilização da brincadeira, do imaginário, para a criança compreender a realidade em que vive, onde a interação com o meio que vive que irá influenciá-la nas escolhas. Da mesma forma, as duas situações citadas acima, vão ao encontro do pensamento de Huizinga (2000), no qual entende que o jogo vinculado à “vida quotidiana”, mas em uma perspectiva de autonomia que produzia um “mundo imaginário” independente, pois as crianças usaram o contexto com que tinham contato para a realização do seu momento de diversão, representando um parâmetro para os jogos e brincadeiras.

A boneca foi o brinquedo que esteve presente nas narrativas das mulheres, e como não havia lojas de brinquedo próximas à região, lhes restava produzi-las. Para a confecção da boneca, eram principalmente utilizados materiais disponíveis na natureza, especialmente

frutas.

Que nós fazia boneca de garrafa, nós fazia daquelas boneca de, da vassoura do açai né? É, de bacabeira. Era assim. Eu fazia boneca de pano, depois a gente aprendeu a fazer boneca de pano. A gente talhava as boneca e enchia, sabe? E fazia as boneca de pano pra brincar (Sr.^a Fátima, 2023).

Não somente de produtos naturais, a Sr.^a Fátima contou também sobre suas bonecas de pano que ela mesma costurava para brincar, sendo que, a partir dessa época foi aperfeiçoando sua costura e com o tempo a desempenhou como profissão. A utilização de produtos naturais para criação de brinquedos também é perceptível nas brincadeiras de comércio já citadas pelo Sr. José e a Sr.^a Antônia.

Deste modo, é válido ressaltar quando Kishimoto (2017) afirma que o jogo ou brincadeira é compreendido e aplicado dependendo do contexto e cultura de cada pessoa, uma fruta, um galho ou um pedaço de pano não é normalmente aproveitado pelas crianças de hoje e muito menos utilizados para diversão, não quando há tantos brinquedos já prontos apenas esperando para serem utilizados/consumidos, pois tudo é parte da cultura vigente, diferentemente de uma criança ribeirinha. Todo esse processo que os narradores tiveram na produção e criação de seus brinquedos beneficiou sua criatividade, autonomia, coordenação motora, desenvolvimentos cognitivos, dentre tantas outras.

Assim, percebe-se a importância da iniciação a qual aborda Brougère (1997), pois o primeiro contato da criança com a brincadeira tem que lhe trazer prazer, segurança e principalmente diversão. Através do brincar a criança desenvolve seu sentido motor e intelectual, o que ao se tornar adulto faz toda a diferença, pois uma criança que brinca mais e principalmente confecciona seu próprio brinquedo, torna-se um adulto mais proativo e criativo, mesmo não tendo acesso à leitura de textos escritos.

Em suma, um momento de diversão unânime entre os entrevistados, eram as brincadeiras nos rios, pois era um elemento que estava sempre presente em seus contextos. O nado e o mergulho tornavam-se suas melhores formas de entretenimento, devido a localidade em que viviam, os espaços em que brincavam eram apenas em suas próprias casas e no terreno ao redor. Esses momentos eram sempre compartilhados com seus irmãos, pois devido a distância de uma casa para outra, não se tornava viável o deslocamento apenas para diversão.

Tal diversão se dava apenas em momentos oportunos, já que o trabalho, mesmo que nas funções mais simples, tomava grande parte do dia, assim, as brincadeiras eram limitadas e não tinham um período certo para acontecer, muitas vezes aconteciam escondidas dos

responsáveis, como podemos observar na fala do Sr. Pedro:

Muito não, mas nós brincava quando os véio tava pra roça. Os que ficava, aproveitava. Mas meu pai, ele era um preto injuado. Mas ele, quando a gente acabava dos ofício da gente, ele deixava a gente ir brincar. Minha mãe que era mais injuada um pouco, porque sempre um se batia, e ela que tinha que cuidar depois.

Através da fala acima e das outras dos demais entrevistados, permanece evidente que os momentos de brincadeiras não eram vistos como algo tão importante pelos responsáveis, uma vez que a prioridade era o trabalho na lavoura e no extrativismo. Na época de suas infâncias, o brincar não era visto/concebido como é hoje em dia, por isso era deixado de lado tanto pela escola, quanto pela família, por essa razão, foi mencionado pelos entrevistados que por terem o tempo limitado para diversão, aproveitavam intensamente cada momento.

Da mesma forma é importante destacar a fala da Sr^a Antônia, que relatou que só foi brincar um pouco mais após ser mãe:

Nós fazia motorzinho de braço de miriti, e eu era profissional. Ainda fazia até com o meu João, com meu filho mais velho, quando ele já tava com cinco anos, eu ficava brincando com ele. Eu fazia, que ele é cinco ano mais velho que a Maria. Então, era só eu e ele. O marido era mesmo que ter um patrão pra botar comida pra dentro de casa. Ai nós brincava, eu com ele; ai nós fazia motor pra ele. Eu fazia aquele chapéu que fazem dobrado; papel é dobrado, eu fazia. Eu fazia pra ele isso. Eu fazia, brincava igual como eu. Era porque eu era nova nesse tempo; eu comecei a ter filho com dezenove anos.

Por fim, finalizamos a entrevista conversando sobre a vida atual de nossos interlocutores. Perguntamos com quem eles vivem atualmente. De todos, apenas o Sr. José mora sozinho. Sobre o que mais gostam de fazer no seu dia-dia, a resposta da Sr^a Antônia, Sr. Francisco e a Sr^a Fátima, eram relacionadas a trabalho doméstico, junto a ações religiosas, apesar da última possuir ainda uma loja com que trabalha. O Sr. Pedro gosta de jogar baralho durante seu dia, a Sr^a Rosa na produção de seus tapetes e cestas artesanais, e o Sr. José que ama ouvir uma música o dia inteiro, que também é expressão do lúdico (DOHME, 2003).

Quando interrogados se hoje eles gostam de jogar, somente o Sr. Pedro respondeu que sim. Mesmo que as políticas públicas voltadas para o lazer dos idosos sejam escassas na região marajoara, como discutido anteriormente, as poucas ações realizadas pelos Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), através de Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (CCFV), não são frequentadas por nenhum entrevistado deste trabalho, isto pode ser reflexo de suas sociabilidades, moralidades forjadas no trabalho diário, excluídos dos processos formais de escolarização, que imprimiram marcas indeléveis na

infância, pois apesar de terem narrado algumas de suas brincadeiras, essas não eram frequentes, e hoje mesmo com jogos mais comuns entre pessoas idosas, como dominó, cartas e jogo de tabuleiro, e dança, especialmente trabalhados no CRAS, não são praticados por nossos sujeitos da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos conhecer os jogos e as brincadeiras infantis ribeirinhas vivenciados por 06 (seis) pessoas idosas ao longo dos anos 1950 no arquipélago de Marajó, analisando a dinâmica entre brincadeira e trabalho infantil ribeirinho a partir de suas narrativas e memórias.

Iniciamos apresentando a Lei nº 10.741 que garante os direitos da pessoa idosa, junto aos desafios de sua efetivação, seguindo com uma exposição do estudo de Ecléa Bosi (1994), sobre memórias de velhos, na qual a mesma discorre sobre a problemática que envolve o envelhecer numa sociedade capitalista e o papel social do idoso.

E por se tratar de um contexto particular dos ribeirinhos marajoaras, abordamos as atividades econômicas e o cenário cultural nos anos 1950. Também apresentamos relatos que nos permitem uma configuração possível acerca da categoria “ser velho no arquipélago de Marajó” na visão de nossos interlocutores, ressaltando não somente suas dificuldades, mas também alegrias, diversão e sociabilidades.

Exploramos os principais postulados de Kishimoto (2017 e 2011), Huizinga (2000), Bougère (1997) e Vygotsky (1991) para fundamentar a análise de nossas entrevistas. Apresentamos os interlocutores e interlocutoras de nossa pesquisa, bem como suas memórias acerca de sua infância, jogos, brincadeiras e sociabilidades. Mediante os relatos organizados nas categorias, refletimos sobre essas memórias a partir de sua relação com as teorias apresentadas.

Desta forma, ficou viável alcançar os objetivos propostos no início e, por meio de entrevistas e conversas informais enriquecedoras com idosos, e com o prazer de acompanhar como ouvintes suas narrativas nas quais transbordavam memórias e lembranças, resgatamos os jogos e brincadeiras de sua época de infância. Dentre as principais atividades lúdicas narradas, podemos destacar brincadeiras de roda, as brincadeiras de faz de conta, estas reproduzidas a partir do meio em que viveram, mais precisamente relacionadas ao trabalho de seus pais (pesca, comércio e outras), com a utilização de bonecas, de barcos, sendo todos os brinquedos confeccionados por eles/ elas mesmos/as.

Por meio das respostas, entendemos que na relação trabalho-brincadeira, havia uma prioridade para com o primeiro, dominando o cotidiano das famílias. Contudo, os interlocutores aproveitavam as oportunidades para realizar diferentes atividades para diversão e devido ao tempo limitado para o mesmo, cada momento lhes era muito precioso.

No decorrer da elaboração da nossa pesquisa foi perceptível o contraste abrangente entre os tipos de brincadeiras passadas se comparadas com as atuais, bem como sua forma de concepção e performance. Com o avanço das tecnologias, os brinquedos são produzidos em massa e com alcance de diferentes classes sociais, impactando na forma de como as brincadeiras são realizadas. Devido à falta destes artefatos lúdicos industrializados às crianças ribeirinhas em 1950, o processo de brincar iniciava com a criação do brinquedo e se alongava até sua prática, ocasionando no maior desenvolvimento de sua imaginação e criatividade, desenvolvendo a linguagem, o pensamento, a dramaticidade/representação, as sociabilidades, criando e recriando os principais símbolos da cultura de sua época em uma linguagem especificamente infantil fruto de quem habitava as florestas e as beiras de rios da Amazônia.

Desta forma, este estudo deve contribuir para ampliar a visibilidade sobre a relevância do papel social da pessoa idosa marajoara e as especificidades culturais de “ser velho no Marajó”. Suas lembranças, experiências e saberes são diversas vezes negadas e vistas sem importância para nossa cultura de tempos efêmeros e vivências superficiais. Conhecer suas narrativas tornou-se uma forma pujante de não esquecer quem somos: amazônidas, marajoaras, cidadãos, muitas vezes abandonados pelo Estado, mas que continuam lutando e transformando a dureza de seus dias em esperanças de um Marajó em que todo seu povo tenha reconhecido seus direitos humanos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 77, p. 53–61, 1991. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1042>. Acesso em: 01 out. 2022.
- ARAÚJO, Karinne Beatriz Gonçalves. **O resgate da memória no trabalho com os idosos: o papel da Educação Física**. 2001. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.
- BRASIL. Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2004.
- BRASIL, Marília Carvalho. **Marajó: em busca da sobrevivência**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFGM. 1993.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARNEIRO, Kleber Tuxen. **Por uma memória do jogo: a presença do jogo na infância de octogenários e nonagenários**. 2015. 273 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, 2015.
- CHARTIER, Getúlio Corrêa. **Caminhos da memória: Narrativas de experiências do brincar com professoras da cidade de Pirenópolis/GO (1950 e 1960)**. 2017. 143 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- DOHME, Vânia. **Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- FAPESPA. RADAR de Indicadores das Regiões de Integração 2022. **FAPESPA**, 2022. Disponível em: <https://fapespa.pa.gov.br/sistemas/radar2022/#>. Acesso em: 16 mai. 2023.
- FERREIRA, Ana Paula; TEIXEIRA, Solange Maria. Direitos da pessoa idosa: desafios à sua efetivação na sociedade brasileira. Políticas sociais para a velhice: entre o marco legal, a cobertura e os mecanismos de acesso. **Argumentum**, Vitória, v. 6, n. 1, p. 160-173, ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/7486/5758>. Acesso em: 4 jun. 2023.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- KISHIMOTO, Tizuko (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2017.
- KISHIMOTO, Tizuko. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

MARCILIO, Daniela Signorini. **Brincadeiras infantis no Município de São Paulo: Penha e Cangaíba entre o passado e o presente.** 2015. 301 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

NEUSTADT, Mônica Nunes. **Tantas histórias, tantas lembranças: o cotidiano de idosos na Candelária, Morro da Mangueira.** 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta.** 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANCHES, Rita de Cássia. **Conhecendo a Terra dos Breves.** Belém: Smith, 2019. 170 p.

SMITH SANTOS, Ana M. **Mulheres idosas entre bordas e agências: Migração, Política Pública de Assistência Social e Sociabilidade (Marajó-PA).** 2019. 288 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

VELENÇA, Tatiane; REIS, Luciana. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. Abordagem Multidisciplinar do Cuidado e Velhice, **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 265-281, jul. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/27001>. Acesso em: 4 jun. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.